

ODE.

A uma velha enamorada.

Debalde as falhas do cansado sangue
Nas engelhadas faces
Tenta, ó Elia, engenhoso, rubro dedo
Cobrir com falsas rosas;
E com postiças graças e arrebiques
Iludir-nos procuras.
Com quanto de artifícios te aparelhes,
Perdes tempo e trabalho,
E o que ainda é pior, pior pareces;
Que remendos não sofre
Do quadro o pano roto; mais o afeiam
As piedosas costuras.
Os fundos regos do satúrnio arado
No calvo, vivo monte,
Em vez de loura espiga ásperas brotam
Só pálidas arestas:
Nem que as resguarde cautelosa touca,
Nem que de negro as pintes,
A estudada impostura não escapa
Ao observador matreiro;
Muito embora amestrada estejas na arte.
Por mais que o cepo enfeites,
Denunciam-te as rugas obstinadas,
Os flatos traidores.
Frustrados pois de todo os teus desvelos,
Já nos jogos Cyprinos
Com enjeado gesto se te esquiva

O dileto mancebo,
E nas publicas praças assoalha
Teus cediços carinhos.
Assim de pretensões de namorada
Te deixa e de conquistas,
Que as coroas de mirto não assentam
Em testas enrugadas.
Foge, foge ao concurso perigoso
Das travessas Nerinas,
E entre as formosas nítidas estrelas
Nevoa não espalhes.
Sim: já basta de seres o risível
Assunto das palestras,
O escárnio dos salões nas companhias.
Mas não te desconsoles;
No derradeiro quadro da existência
Representar te é dado
Sério papel, que não burlescas farsas,
Da tua idade indignas:
Á velhice se deve mor apreço;
É dadiva dos Deuses;
Quem não sabe gozal-a, a não merece.
É a tarde da vida,
Como é dela manhã a mocidade.
Tem também suas graças;
Em seu trato se encontra um calor doce,
Como aquele, agradável,
Do sol quando se põe. Se não tem cultos,
Se amores não inspira,
Respeitos, e atenções inspira e goza.
Qual Templo augusto, antigo,
Pelo braço dos anos derruído,

Sem aras, sem imagens,
Nas ruínas conserva majestade,
Santo respeito infunde.

Francisco Vilela Barbosa, 1848.

Ode publicada no segundo tomo de "Parnaso brasileiro" de João Manuel Pereira da Silva.